

ANÁLISE ESTRUTURAL DO CONTO "A PERFEIÇÃO"  
DE EÇA DE QUEIRÓS

Utilizando como instrumento de abordagem textual as bases operatórias de Roland Barthes formuladas num ensaio extraído do nº 8 da revista *Communications*,<sup>1</sup> sujeitámos o conto de Eça de Queirós "A Perfeição" a um modelo de análise estrutural que se justifica, como nos diz o autor, pelo facto de que "ninguém pode produzir uma narrativa sem se referir a um sistema implícito de unidades e de regras"<sup>2</sup>

Não nos esqueçamos, todavia, de que, por se tratar de um modelo único de descrição, não consegue abarcar, como é obvio, a totalidade dos recursos expressivos de cada narrativa individual.

É precisamente no momento em que acaba a potencialidade crítica deste tipo de análise que entra em jogo a capacidade interpretativa do crítico, o seu poder de se elevar, ultrapassando um nível meramente descritivo e funcional, a extrair conclusões gerais acerca da individualidade estrutural do texto em questão e das potencialidades significativas que encerra. Aliás, esta ideia já estava contida, em embrião, na própria teoria de Barthes, quando nos diz que "Compreender uma narrativa não é somente seguir o esvaziamento da história, é também reconhecer nela estágios, projectar os encadeamentos horizontais do fio narrativo sobre um eixo implicitamente vertical; ler (escutar) uma narrativa não é somente passar de uma palavra a outra; é também passar de um nível a outro"<sup>3</sup>. Fazendo uma interpretação um pouco lata das palavras de Barthes que, como veremos, privilegia fundamentalmente o nível meramente descritivo e portanto, classificatório, que assenta em unidades de estrutura a que nos iremos referir de seguida, diremos que as conclusões que extrairemos se situaram num ponto mais elevado de análise, no plano das características predominantemente semânticas do texto sobre o qual nos vamos debruçar.

Partindo das noções basilares de que a linguística fornece à narrativa o modelo de análise estrutural<sup>4</sup> e que aquela pode ser entendida como uma grande frase<sup>5</sup>, o autor considera que na narrativa haverá três níveis de descrição: o das funções, o das acções e o da narração<sup>6</sup>. Todavia, é a perspectiva funcional que constitui fundamentalmente a sua base operatória<sup>7</sup> e o leva à determinação de unidades narrativas nas quais se podem deduzir 2 tipos

de funções: as distribucionais, que se passam num eixo sigmático e se realizam no mesmo nível e as integrativas que se situam num eixo paradigmático e só se saturam passando a outro nível. Considera, por sua vez, incluídas nas distribucionais, as cardinais ou núcleos, que são os momentos nucleares da dinâmica da acção, os acontecimentos que permitem que a história arranque, sendo, por isso, os momentos de risco da narrativa e as catálises, que constituem zonas de repouso, de pausa em que a história não avança. Dotadas de funcionalidade fraca, destinam-se a apresentar e caracterizar as personagens. Segundo Barthes, a catálise "mantem o contacto entre o narrador e o narratário" <sup>8</sup>, desempenhando, portanto, uma função fática.

Nas funções integrativas, há a considerar os indícios e os informantes. Os primeiros referem-se a um carácter, sentimento, atmosfera ou filosofia. Os indícios, diz-nos o autor, "implicam uma actividade de deciframento" <sup>9</sup>, pois contêm sempre significados implícitos. Por sua vez, os informantes destinam-se a identificar, situar no tempo e no espaço. São unidades que enraizam a ficção no real e dão à história autenticidade e verosimilhança, contribuindo para esclarecer o seu sentido profundo.

É deste nível que partirá a nossa análise. Note-se, todavia, que este tipo de leitura crítica, que encara prioritariamente o objecto de estudo segundo uma perspectiva funcional, foi concebido para se adaptar a narrativas com uma dinâmica de acção fortemente condensada, cuja intriga se encaminha linearmente para um desfecho inevitável. É o caso dos romances policiais e, neste aspecto, é sintomática a atenção que tem sido dedicada aos romances de Ian Fleming, cujo protagonista é James Bond<sup>10</sup>. A sua adaptação a um conto do tipo de A Perfeição torna-se problemática e de relativa dificuldade na realização, devido à riqueza expressiva que o informa e que dificulta a classificação das unidades narrativas na sua totalidade. Acrescentámos à terminologia de Barthes e numa tentativa de integrar as unidades de funcionamento da narrativa em unidades superiores de organização e sentido, o conceito, introduzido por Todorov, de sequência. A história ou diegese (o conteúdo narrativo, a evocação dos acontecimentos) está estruturada no discurso (acto narrativo produtor, modo como o autor transmite a história) através de sequências que são resultantes da organização de unidades narrativas mais pequenas constituindo, deste modo, por consistirem em unidades superiores de sentido, as grandes articulações da narrativa. Aliás e transcrevendo as próprias palavras de Barthes " a cobertura funcional

da narrativa impõe uma organização de substituição cuja unidade de base só pode ser um pequeno agrupamento de funções a que se chamará uma sequência. Uma sequência é uma série lógica de núcleos unidos entre si por uma relação de solidariedade. A sequência abre-se quando um dos seus termos não tem antecedente e fecha-se logo que um dos seus termos não tem consequente" 11 A sequência é sempre nomeável. A operação nominativa é, assim, sempre inevitável em relação a cada uma das grandes unidades que constituem a combinatória funcional da narrativa.

E agora, depois desta breve introdução à teoria que nos serviu de base para esta análise, passemos ao desmembramento sucessivo, através da decomposição das suas características estruturais, do conto de Eça de Queirós, o qual nos permitirá extrair conclusões gerais acerca da dinâmica interna que o informa 12.

- 1) Por se tornar mais acessível, servimo-nos, para as citações, da edição brasileira do ensaio de Barthes, vide Análise Estrutural da Narrativa, Edit. Vozes Limitada, Petrópolis, 1973, para a qual remeterão as notas em rodapé.
- 2) Cf. op. cit. p. 21
- 3) Cf. op. cit. p. 26
- 4) Cf. op. cit. p. 22
- 5) Cf. op. cit. p. 23
- 6) Cf. op. cit. p. 27
- 7) Veja-se a definição de função dada por Barthes, in op. cit. p. 28" ... todo o segmento da história que se apresenta como o termo de uma correlação. A alma de toda a função é ... semear a narrativa de um elemento que amadurecerá mais tarde".
- 8) Cf. op. cit. p. 34
- 9) Cf. op. cit. p. 34
- 10) Cf. o ensaio de Barthes e o estudo de Umberto Eco na mesma selecção de ensaios da revista *Communications*.
- 11) Cf. op. cit. p. 39
- 12) A representação gráfica das diferentes funções far-se-á através dos seguintes símbolos: F- função cardinal; C - catálise; I - in dício; I<sub>f</sub> - informante.

S ENTADO numa rocha, na ilha de Ogígia,\* com a barba enterada entre as mãos,\* donde desaparecera a aspereza calosa e tismada das armas e dos remos,\* Ulisses, o mais subtil dos homens, considerava, numa escura e pesada tristeza,\* o mar muito azul que, mansa e harmoniosamente, rolava sobre a areia muito branca. Uma túnica bordada de flores escarlates cobria, em pregas moles, o seu corpo poderoso, que engordara.\* Nas correias das sandálias, que lhe calçavam os pés amaciados e perfumados de essências, reluziam esmeraldas do Egipto.\* E o seu bastão era um maravilhoso galho de coral, rematado em pinha de pérolas, como os que usam os deuses marinhos.\*

A divina ilha, com os seus rochedos de alabastro, os bosques de cedros e tuias odoríferas, as messes eternas dourando os vales, a frescura das roseiras revestindo os outeiros suaves, resplandecia,\* adormecida na moleza da sesta, toda envolta em mar resplandecente. Nem um sopro dos zéfiros curiosos, que brincam e correm por sobre o arquipélago, desmanchava a serenidade do luminoso ar,\* mais doce que o vinho mais doce, todo repassado pelo fino aroma dos prados de violetas.\* No silêncio, embebido de calor afável, eram de uma harmonia mais embaladora os murmúrios de arroyos e fontes, o arruihar das pombas voando dos ciprestes aos plátanos, e o lento rolar e quebrar da onda mansa sobre a areia macia.\* E nesta inefável paz e beleza imortal, o subtil Ulisses, com os olhos perdidos nas águas lustrosas, amargamente gemia, revolvendo o queixume do seu coração.\*

Sete anos, sete imensos anos, iam passados desde que o raio fulgente de Júpiter fendera a sua nave de alta proa vermelha, e ele, agarrado ao mastro e à carena, trambolhara na braveza mugidora das espumas sombrias, durante nove dias, durante nove noites, até que boiara em águas mais calmas. e tocara as areias daquela ilha onde Calipso, a deusa radiosa, o recolhera e o amara! E durante esses imensos anos, como se arrastara a sua vida, a sua grande e forte vida, que, depois da partida para os muros fatais de Tróia, abandonando entre lágrimas inumeráveis a sua Penélope de olhos claros, o seu pequenino Telémaco enfaixado no colo da ama, andara sempre tão agitada por perigos, e guerras, e astúcias, e tormentas, e rumos perdidos?... Ah! ditosos os reis mortos, com formosas feridas no branco peito, diante das portas de Tróia! Felizes os seus companheiros tragados pela onda amarga! Feliz ele se as lanças troianas o trespassassem nessa tarde de grande vento e poeira, quando, junto à Faia, defendia dos ultrajes, com a espada sonora, o corpo morto de Aquiles! Mas não! Vivera! E agora, cada manhã, ao sair sem alegria do trabalhoso leito de Calipso,

\* I<sub>1</sub>.1  
\* I<sub>1</sub>.1  
\* I<sub>2</sub>.2  
\* I<sub>3</sub>.3

\* I<sub>4</sub>.4  
\* I<sub>5</sub>.5  
\* I<sub>6</sub>.6

\* I<sub>6</sub>.6 \* \* I<sub>7</sub>.2

\* I<sub>6</sub>.6  
\* I<sub>6</sub>.6

\* I<sub>6</sub>.6

\* I<sub>7</sub>.3  
\* I<sub>7</sub>.3

\* I<sub>8</sub>.8

\* I<sub>4</sub>.4  
\* I<sub>4</sub>.4

\* I<sub>4</sub>.4 \* \* I<sub>5</sub>.5  
\* I<sub>6</sub>.6

as ninfas, servas da deusa, o banhavam numa água muito pura,  
 o perfumavam de lânguidas essências, o cobriam com uma  
 túnica sempre nova, ora bordada a sedas finas, ora bordada de  
 ouro pálido! No entanto, sobre a mesa lustrosa, erguida à porta  
 da gruta, na sombra das ramadas, junto ao sussurro dormente  
 de um arroio diamantino, os açafates e as travessas lavradas  
 transbordavam de bolos, de frutas, de tenras carnes fumegando,  
 de peixes cintilando como tramas de prata. A intendenta vene-  
 rável gelava os vinhos doces nas crateras de bronze, coroadas  
 de rosas. E ele, sentado num escabelo, estendia as mãos para as  
 iguarias perfeitas, enquanto ao lado, sobre um trono de mar-  
 fim, Calipso, espargindo através da túnica nevada a claridade  
 e o aroma do seu corpo imortal, sublimemente serena, com um  
 sorriso taciturno, sem tocar nas comidas humanas, debicava a  
 ambrosia, bebia em goles delgados o néctar transparente e  
 rubro. Depois, tomando aquele bastão de príncipe de povos com  
 que Calipso o presenteara, percorria sem curiosidade os sabi-  
 dos caminhos da ilha, tão lisos e tratados que nunca as suas  
 sandálias reluzentes se maculavam de pó, tão penetrados pela  
 imortalidade da deusa que jamais neles encontrara folha seca,  
 nem flor menos fresca pendendo na haste. Sobre uma rocha se  
 sentava então, contemplando aquele mar que também banhava  
 Ítaca, lá tão bravo, aqui tão sereno, e pensava, e gemia, até que  
 as águas e os caminhos se cobriam de sombra, e ele recolhia  
 à gruta para dormir, sem desejo, com a deusa que o desejava!...  
 E durante estes imensos anos, que destino envolvera a sua Ítaca,  
 a áspera ilha de sombrias matas? Viviam eles ainda, os seres  
 amados? Sobre a forte colina, dominando a enseada de Reitros  
 e os pinheirais de Neus, ainda se erguia o seu palácio, com os  
 belos pórticos pintados de vermelho e roxo? Ao cabo de tão  
 lentos e vazios anos, sem novas, apagada toda a esperança  
 como uma lâmpada, despira a sua Penélope a túnica passageira  
 da viuvez, e passara para os braços fortes de outro esposo forte  
 que, agora, manejava as suas lanças e vindimava as suas vinhas?  
 E o doce filho Telémaco? Reinaria ele em Ítaca, sentado, com o  
 branco ceptro, sobre o mármore alto da ágora? Ocioso e ron-  
 dando pelos pátios, baixaria os olhos sob o império duro de um  
 padraсто? Erraria por cidades alheias, mendigando um salário?...  
 Ah! se a sua existência, assim para sempre arrancada da mulher,  
 do filho, tão doces ao seu coração, andasse ao menos empre-  
 gada em façanhas ilustres! Dez anos antes, também desconhecia  
 a sorte de Ítaca, e dos seres preciosos que lá deixara em solidão  
 e fragilidade: mas uma empresa heróica o agitava; e cada  
 manhã a sua fama crescia, como uma árvore num promontório,  
 que enche o céu e todos os homens contemplam. Então era a  
 planície de Tróia — e as brancas tendas dos Gregos ao longo  
 do mar sonoro! Sem cessar, meditava as astúcias de guerra: com  
 soberba facúndia discursava na Assembleia dos Reis; rijamente  
 jungia os cavalos empinados ao timão dos carros; de lança alta  
 corria, entre a grita e a pressa, contra os Troianos de altos  
 elmos, que surdiam, em roldão ressoante, das Portas Skaias! Oh! E quando ele, príncipe de povos, encolhido sob farrapos de  
 mendigo, com os braços maculados de chagas postíças,  
 coxeando e gemendo, penetrara nos muros da orgulhosa Tróia,  
 pelo lado da Faia, para de noite, com incomparável ardil e bra-

\* I 9

\* I 10

\* I 11

\* I 12

\* I 13

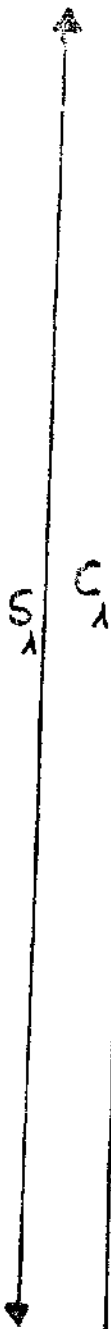
\* \* I 14 \* \* \* \* \*

\* I 15

\* II 8

\* II 9

\* II 9



vura, roubar o paládio tutelar da cidade! E quando, dentro do ventre do cavalo de pau, na escuridão, no aperto de todos aqueles guerreiros hirtos e cobertos de ferro, calmava a impaciência dos que sufocavam, e tapava com a mão a boca de Anticlo bravejando furioso, ao escutar fora na planície os ultrajes e os escárnios troianos, e a todos murmurava: — Cala, cala! que a noite desce e Tróia é nossa!... — E depois as prodigiosas viagens! O pavoroso Polifemo, ludibriado com uma astúcia que para sempre maravilhará as gerações! As manobras sublimes entre Cila e Caríbdis! As sereias, vogando e cantando em torno do mastro, donde ele, amarrado, as rechaçava com o mudo dardejar dos olhos mais agudos que dardos! A descida aos Infernos, jamais concedida a um mortal!... E agora homem de tão rutilantes feitos jazia numa ilha mole, eternamente preso, sem amor, pelo amor de uma deusa! Como poderia ele fugir, rodeado de mar indomável, sem nave, nem companheiros para mover os remos longos? Os deuses ditosos certamente esqueciam quem tanto por eles combatera e sempre piedosamente lhes votara as reses devidas, mesmo através do fragor e fumaça das cidadelas derrubadas, mesmo quando a sua proa encailhava em terra agreste!... E ao herói, que recebera dos reis da Grécia as armas de Aquiles, cabia por destino amargo engordar na ociosidade de uma ilha mais lânguida que uma cesta de rosas, e estender as mãos amolecidas para as iguarias abundantes, e, quando águas e caminhos se cobriam de sombra, dormir sem desejo com uma deusa que, sem cessar, o desejava.

Assim gemia o magnânimo Ulisses, à beira do mar lustroso... E eis que, de repente, um sulco de desusado brilho, mais rutilantemente branco que o de uma estrela caindo, riscou a rutilância do céu, desde as alturas até à cheirosa mata de tuias e cedros que assombrea um golfo sereno, a oriente da ilha. Com alvoroço bateu o coração do herói. Rasto tão refulgente, na refulgência do dia, só um deus o podia traçar através do largo Urano. Um deus, pois descera à ilha?

## II

Um deus descera, um grande deus... Era o mensageiro dos deuses, o leve, eloquente Mercúrio. Calçado com aquelas sandálias que têm duas asas brancas, os cabelos cor de vinho cobertos pelo casco onde batem também duas claras asas, erguendo na mão o caduceu, ele fendera o éter, roçara a lisura do mar sossegado, pisara a areia da ilha, onde as suas pegadas ficavam rebrilhando como palmilhas de ouro novo. Apesar de percorrer toda a Terra, com os recados inumeráveis dos deuses, o luminoso mensageiro não conhecia aquela ilha de Ogígia — e admirou, sorrindo, a beleza dos prados de violetas tão doces para o correr e brincar de ninfas, e o harmonioso faiscar dos regatos por entre os altos e lânguidos lírios. Uma vinha, sobre esteios de jaspe, carregada de cachos maduros, conduzia, como fresco pórtico salpicado de sol, até à entrada da gruta, toda de rochas polidas, donde pendiam jasmineiros

e madressilvas, envoltas no sussurrar das abelhas. E logo avistou Calipso, a deusa ditosa, sentada num trono, fiando em roca de ouro, com fuso de ouro, a lã formosa de púrpura marinha. Um aro de esmeraldas prendia os seus cabelos muito anelados e ardentemente louros. Sob a túnica diáfana a mocidade imortal do seu corpo rebrilhava como a neve, quando a aurora a tinge de rosas nas colinas eternas povoadas de deuses. E enquanto torcia o fuso, cantava um trinado e fino canto, como trémulo fio de cristal vibrando da Terra ao Céu. Mercúrio pensou: «Linda ilha, e linda ninfa!»

De um lume claro de cedro e tuia, subia, muito direito, um fumo delgado que perfumava toda a ilha. Em roda, sentadas em esteiras, sobre o chão de ágata, as ninfas, servas da deusa, dobavam as lãs, bordavam na seda as flores ligeiras, teciam as puras teias em teares de prata. Todas coraram, com o seio a arfar, sentindo a presença do deus. E sem deter o fuso faiscante, Calipso reconheceu logo o mensageiro — pois que todos os imortais sabem, uns dos outros, os nomes, os feitos, e os rostos soberanos, mesmo quando habitam retiros remotos que o éter e o mar separam.

Mercúrio parara, risonho, na sua nudez divina, exalando o perfume do Olimpo. Então a deusa ergueu para ele, com composta serenidade, o esplendor largo dos seus olhos verdes:

— Oh Mercúrio! porque desceste à minha ilha humilde, tu, venerável e querido, que eu nunca vi pisar a terra? Diz o que de mim esperas. Já o meu aberto coração me ordena que te contente, se o teu desejo couber dentro do meu poder e do fado... Mas entra, repousa, e que eu te sirva, como doce irmã, à mesa da hospitalidade.

Tirou da cintura a roca, arredou os anéis soltos do cabelo radiante — e com as suas nacaradas mãos colocou sobre a mesa, que as ninfas acercaram do lume aromático, o prato transbordante de ambrósia, e as infusas de cristal onde cintilava o néctar.

Mercúrio murmurou: — Doce é a tua hospitalidade, ó deusa! — Pendurou o caduceu do fresco ramo de um plátano, estendeu os dedos reluzentes para a travessa de ouro, risonhamente louvou a excelência daquele néctar da ilha. E contentada a alma, encostando a cabeça ao tronco liso do plátano que se cobriu de claridade, começou, com palavras perfeitas e aladas:

— Perguntaste porque descia um deus à tua morada, oh deusa! E certamente nenhum imortal percorreria sem motivo, desde o Olimpo até Ogigia, esta deserta imensidade do mar salgado em que se não encontram cidades de homens, nem templos cercados de bosques, nem sequer um pequenino santuário donde suba o aroma do incenso, ou o cheiro das carnes votivas, ou o murmúrio gostoso das preces... Mas foi nosso Pai Júpiter, o tempestuoso, que me mandou neste recado. Tu recolhiste, e reténs pela força incomensurável da tua doçura, o mais subtil e desgraçado de todos os príncipes que combateram durante dez anos a alta Tróia, e depois embarcaram nas naves fundas para voltar à terra da pátria. Muitos desses conseguiram reentrar nos seus ricos lares, carregados de fama, de despojos, e de histórias excelentes para contar. Ventos



F<sub>2</sub>  
F<sub>3</sub>

F<sub>4</sub> F<sub>5</sub>  
F<sub>6</sub>

F<sub>7</sub>  
F<sub>8</sub>  
F<sub>9</sub>  
F<sub>10</sub>

inimigos, porém, e um fado mais inexorável, arremessaram a esta tua ilha, enrolado nas sujas espumas, o facundo e astuto Ulisses... Ora o destino deste herói não é ficar na ociosidade imortal do teu leito, longe daqueles que o choram, e que carecem da sua força e manhas divinas. Por isso Júpiter, regulador da ordem, te ordena, oh deusa, que soltes o magnânimo Ulisses dos teus braços claros, e o restituas, com os presentes docemente devidos, à sua Ítaca amada, e à sua Penélope, que tece e desfaz a teia ardilosa, cercada dos pretendentes arrogantes, devoradores dos seus gordos bois, sorvedores dos seus frescos vinhos!

A divina Calipso mordeu levemente o beijo; e sobre a sua face luminosa desceu a sombra das densas pestanas cor de jacinto. Depois, com um harmonioso suspiro, em que ondudou todo o seu peito rebrilhante:

— Ah deuses grandes, deuses ditosos, como sois ásperamente ciumentos das deusas, que, sem se esconderem pela espessura dos bosques ou nas pregas escuras dos montes, amam os homens eloquentes e fortes!... Este, que me invejais, rolou às areias da minha ilha, nu, pisado, faminto, preso a uma quilha partida, perseguido por todas as iras, e todas as rajadas, e todos os raios dardejantes de que dispõe o Olimpo. Eu o recolhi, o lavei, o nutri, o amei, o guardei, para que ficasse eternamente ao abrigo das tormentas, da dor e da velhice. E agora Júpiter trovejador, ao cabo de oito anos em que a minha doce vida se enroscou em torno desta afeição como a vide ao olmo, determina que eu me separe do companheiro que escolhera para a minha imortalidade! Realmente sois cruéis, oh deuses, que constantemente aumentais a raça turbulenta dos semideuses dormindo com as mulheres mortais! E como queres que eu mande Ulisses à sua pátria, se não possuo naves, nem remadores, nem piloto sabedor que o guie através das ilhas? Mas quem poêe resistir a Júpiter, que ajunta as nuvens? Seja! E que o Olimpo ria, obedecido. Eu ensinarei o intrépido Ulisses a construir uma jangada segura, com que de novo fenda o dorso verde do mar...

Imediatamente, o mensageiro Mercúrio se levantou do escabelo pregado com pregos de ouro, retomou o seu caduceu, e bebendo uma derradeira taça do néctar excelente da ilha, louvou a obediência da deusa:

— Bem farás, oh Calipso! Assim evitas a cólera do Pai trovejante. Quem lhe resistirá? A sua onisciência dirige a sua onipotência. E ele sustenta, como ceptro, uma árvore que tem por flor a ordem... As suas decisões, clementes ou cruéis, resultam sempre em harmonia. Por isso o seu braço se torna terrífico aos peitos rebeldes. Pela tua pronta submissão serás filha estimada, e gozarás uma imortalidade repassada de sossego, sem intrigas e sem surpresas...

Já as asas impacientes das suas sandálias palpitavam, e o seu corpo, com sublime graça, se balançava por sobre as relvas e flores que alcatifavam a entrada da gruta.

— De resto — acrescentou — a tua ilha, oh deusa, fica no caminho das naves ousadas que cortam as ondas. Em breve talvez outro herói robusto, tendo ofendido os imortais, aportará



C<sub>4</sub> | à tua doce praia, abraçado a uma quilha... Acende um facho claro, de noite, nas rochas altas!

E, rindo, o mensageiro divino serenamente se elevou, riscando no éter um sulco de elegante fulgor que as ninfas, esquecida a tarefa, seguiam, com os frescos lábios entreabertos e o seio levantado, no desejo daquele imortal formoso. F<sub>13</sub>

Então Calipso, pensativa, lançando sobre os seus cabelos anelados um véu da cor do açafão, caminhou para a orla do mar, através dos prados, numa pressa que lhe enrodilhava a túnica, à maneira de uma espuma leve, em torno das pernas redondas e róseas. Tão levemente pisou a areia, que o magnânimo Ulisses não a sentiu deslizar, perdido na contemplação das águas lustrosas, com a negra barba entre as mãos, aliviando em gemidos o peso do seu coração. \*A deusa sorriu, com fugitiva e soberana amargura. \*Depois, pousando no vasto ombro do herói os seus dedos tão claros como os de Eos, mãe do dia: \*I<sub>20</sub>  
F<sub>14</sub>

— Não te lamentees mais, desgraçado, nem te consumas, olhando o mar! Os deuses, que me são superiores pela inteligência e pela vontade, determinam que tu partas, afrontes a inconstância dos ventos, e calques de novo a terra da pátria... F<sub>15</sub>

Bruscamente, como o condor fendendo sobre a presa, o divino Ulisses, com a face assombrada, saltou da rocha musgosa: \*I<sub>21</sub>  
\*I<sub>22</sub>  
F<sub>16</sub>

— Oh deusa, tu dizes!...

Ela continuou sossegadamente, com os formosos braços pendidos, enrodilhados no véu cor de açafão, enquanto a vaga rolava, mais doce e cantante, no amoroso respeito da sua presença divina: F<sub>17</sub>  
\*I<sub>23</sub>

— Bem sabes que não tenho naves de alta proa, nem remadores de rijo peito, nem piloto amigo das estrelas, que te conduzam... Mas certamente te confiarei o machado de bronze que foi de meu pai, para tu abateres as árvores que eu te marcar, e construíres uma jangada em que embarques... Depois eu a providerei de odres de vinho, de comidas perfeitas, e a impelirei com um sopro amigo para o mar indomado... F<sub>18</sub>

O cauteloso Ulisses recuara lentamente, cravando na deusa um duro olhar que a desconfiança enegrecia. E erguendo a mão, que tremia toda, com a ansiedade do seu coração: \*I<sub>24</sub>

— Oh deusa, tu abrigas um pensamento terrível, pois que assim me convidas a afrontar numa jangada as ondas difíceis, onde mal se mantêm fundas naves! Não, deusa perigosa, não! Eu combati na grande guerra onde os deuses também combateram, e conheço a malícia infinita que contém o coração dos imortais! Se resisti às sereias irresistíveis, e me saí com sublimes manobras de entre Cila e Caribdis, e venci Polifemo com um ardil que eternamente me tornará ilustre entre os homens, não foi decerto, oh deusa, para que, agora, na ilha de Ogígia, como passarinho de pouca penugem, no seu primeiro voo do ninho, caia em armadilha ligeira arranjada com dizeres de mel! Não, deusa, não! Só embarcarei na tua extraordinária jangada se tu jurares, pelo juramento terrífico dos deuses, que não preparas, com esses quietos olhos, a minha perda irreparável! C<sub>5</sub>

Assim bradava, à beira das ondas,\* com o peito a arfar,\* \*\* F<sub>12</sub> \*\* I<sub>25</sub>  
Ulisses, o herói prudente... Então a deusa clemente riu, com um cantado e refulgente riso. E caminhando para o herói, correndo os dedos celestes pelos seus espessos cabelos mais negros que o pez:

— Oh maravilhoso Ulisses — disse — tu és, bem na verdade, o mais refalsado e manhoso dos homens, pois que nem concebes que exista espírito sem manha e sem falsidade! Meu pai ilustre não me gerou com um coração de ferro! Apesar de imortal, compreendo as desventuras mortais. Só te aconselhei o que eu, deusa, empreenderia, se o fado me obrigasse a sair de Ogígia através do mar incerto!...

O divino Ulisses retirou lenta e sombriamente a cabeça da rosada carícia dos dedos divinos:

— Mas jura... Oh deusa, jura, para que ao meu peito desça, como onda de leite, a saborosa confiança!

Ela ergueu o claro braço ao azul onde os deuses moram:

— Por Gaia e pelo Céu superior, e pelas águas subterrâneas do Estígio, que é a maior invocação que podem lançar os imortais, juro, oh homem, príncipe dos homens, que não preparo a tua perda, nem misérias maiores... \*

O valente Ulisses respirou largamente. E arregaçando logo as mangas da túnica, esfregando as palmas das mãos robustas:\*

— Onde está o machado de teu pai magnífico? Mostra as árvores, oh deusa!... O dia baixa e o trabalho é longo!

— Sossega, oh homem sófrego de males humanos! Os deuses superiores em sapiência já determinaram o teu destino... Recolhe comigo à doce gruta, a reforçar a tua força... Quando Eos vermelha aparecer, amanhã, eu te conduzirei à floresta.

III

Era, com efeito, a hora\* em que homens mortais e deuses imortais se acercam das mesas cobertas de baixelas, onde os espera a abundância, o repouso, o esquecimento dos cuidados, e as amoráveis conversas que contentam a alma. Em breve Ulisses se sentou no escabelo de marfim, que ainda conservava o aroma do corpo de Mercúrio, e diante dele as ninfas, servas da deusa, colocaram os bolos, as frutas, as tenras carnes fumegando, os peixes rebrilhantes como tramas de prata. Pousada num trono de ouro puro, a deusa recebeu da intendentia venerável o prato de ambrósia e a taça de néctar. Ambos estenderam as mãos para as comidas perfeitas da Terra e do Céu. E logo que deram a oferenda abundante à fome e à sede, a ilustre Calipso, encostando a face aos dedos róseos, e considerando pensativamente\* o herói, soltou estas palavras aladas:\*

— Oh Ulisses muito subtil, tu queres voltar à tua morada mortal e à terra da pátria... Ah! se conhecesses, como eu, quantos duros males tens de sofrer antes de avistar as rochas de

Itaca, ficarias entre os meus braços, amimado, banhado, bem nutrido, revestido de linhos finos, sem nunca perder a querida força, nem a agudeza do entendimento, nem o calor da facúndia, pois que eu te comunicaria a minha imortalidade!... Mas desejas voltar à esposa mortal, que habita na ilha áspera onde as matas são tenebrosas. E todavia eu não lhe sou inferior, nem pela beleza, nem pela inteligência, porque as mortais brilham ante as imortais como lâmpadas fumarentas diante de estrelas puras...

O facundo Ulisses acariciou a barba rude. Depois, erguendo o braço, como costumava na Assembleia dos Reis, à sombra das altas popas, diante dos muros de Tróia:

— Oh deusa venerável, não te escandalizes! Perfeitamente sei que Penélope te está muito inferior em formosura, sapiência e majestade. Tu serás eternamente bela e moça, enquanto os deuses durarem; e ela, em poucos anos, conhecerá a melancolia das rugas, dos cabelos brancos, das dores da decrepitude, e dos passos que tremem apoiados a um pau que treme! O seu espírito mortal erra através da escuridão e da dúvida: tu, sob essa fronte luminosa, possuis as luminosas certezas. Mas oh deusa, justamente pelo que ela tem de incompleto, de frágil, de grosseiro e de mortal, eu a amo, e apeteço a sua companhia congénera! Considera como é penoso que, nesta mesa, cada dia, eu coma vorazmente o anho das pastagens e a fruta dos vergéis, enquanto tu ao meu lado, pela infável superioridade da tua natureza, levas aos lábios, com lentidão soberana, a ambrósia divina! Em oito anos, oh deusa, nunca a tua face rebrilhou com uma alegria; nem dos teus verdes olhos rolou uma lágrima; nem bateste o pé, com irada impaciência; nem, gemendo com uma dor, te estendeste no leito macio. E assim trazes inutilizadas todas as virtudes do meu coração, pois que a tua divindade não permite que eu te congratule, te console, te sossegue, ou mesmo te esfregue o corpo dorido com o suco das ervas benéficas. Considera ainda que a tua inteligência de deusa possui todo o saber, atinge sempre a verdade; e, durante o longo tempo que contigo dormi, nunca gozei a felicidade de te emendar, de te contradizer, e de sentir, ante a fraqueza do teu, a força do meu entendimento! Oh deusa, tu és aquele ser terrífico que tem sempre razão! Considera ainda que, como deusa, conheces todo o passado e todo o futuro dos homens; e eu não pude saborear a incomparável delícia de te contar à noite, bebendo o vinho fresco, as minhas ilustres façanhas e as minhas viagens sublimes! Oh deusa, tu és impecável! e quando eu escorregue num tapete estendido, ou me estale uma correia da sandália, não te posso gritar, como os homens mortais gritam às esposas mortais: — Foi culpa tua, mulher! — erguendo, em frente à lareira, um alarido cruel! Por isso sofrerei, num espírito paciente, todos os males com que os deuses me assaltem no sombrio mar, para voltar a uma humana Penélope que eu mande, e console, e reprenda, e acuse, e contrarie, e ensine, e humilhe, e deslumbre, e por isso ame de um amor que constantemente se alimenta

\* I. 30

\* I. 30

\* I. 31

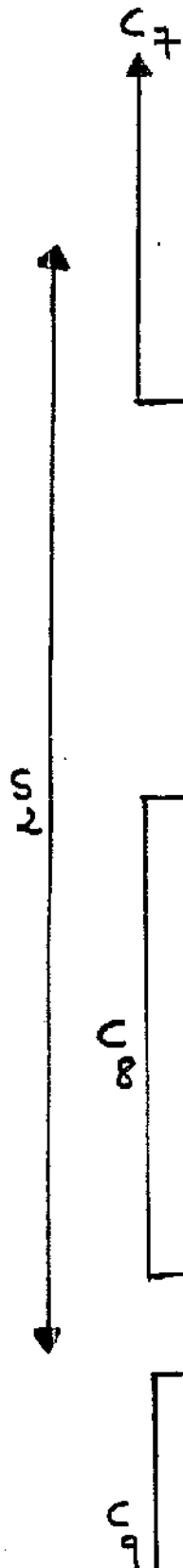
\* I. 31

\* I. 14

\* I. 15

\* I. 16

\* I. 17



destes modos ondeantes, como o lume se nutre dos ventos contrários!

Assim o facundo Ulisses desabafava, ante a taça de ouro vazia; e serenamente a deusa escutava, com um sorriso taciturno, e as mãos imóveis sobre o regaço, enrodilhadas na ponta do véu.

\*I 32

No entanto, Febo Apolo descia para ocidente; e já das ancas dos seus quatro cavalos suados subia e se espalhava por sobre o mar um vapor rúbido e dourado. Em breve os caminhos da ilha se cobriram de sombras. E sobre os velos preciosos do leito, ao fundo da gruta, Ulisses, sem desejo, e a deusa, que o desejava, gozaram o doce amor, e depois o doce sono.

\*I 18

\*I 18

Cedo, apenas Eos entreabria as portas do largo Úrano, a divina Calipso, que revestira uma túnica mais branca que a neve do Pindo, e pregara nos cabelos um véu transparente e azul como o éter ligeiro, saiu da gruta, trazendo ao magnânimo Ulisses, já sentado à porta, sob a ramada, diante de uma taça de vinho claro, o machado poderoso de seu pai ilustre, todo de bronze, com dois fios, e um rijo cabo de oliveira cortado nas faldas do Olimpo.

\*I 19

F 25

Limpando rapidamente a dura barba com as costas da mão, o herói arrebatou o machado venerável:

\*I 33 F 26

— Oh deusa, há quantos anos não palpo uma arma ou uma ferramenta, eu, devastador de cidadelas e construtor de naves!

A deusa sorriu. E, iluminada a lisa face, em palavras aladas:

— Oh Ulisses, vencedor de homens, se tu ficasses nesta ilha, eu encomendaria para ti, a Vulcano e às suas forjas do Etna, armas maravilhosas...

— Que valem armas sem combates, ou homens que as admirem? De resto, oh deusa, já muito batalhei, e a minha glória entre as gerações está soberbamente segura. Só aspiro ao macio repouso, vigiando os meus gados, concebendo sábias leis para os meus povos... Sê benévola, oh deusa, e mostra as árvores fortes que me convém cortar!

Em silêncio ela caminhou por um atalho, florido de altas e radiosas açucenas, que conduzia à ponta da ilha mais cerrada de matas, do lado do oriente: e atrás seguia o intrépido Ulisses,

\*I 34 F 27

F 28

com o luzidio machado ao ombro. As pombas deixavam os ramos dos cedros, ou as concavidades das rochas onde bebiam, para esvoaçarem em torno da deusa num tumulto amoroso. Um aroma mais delicado, quando ela passava, subia das flores abertas, como de incensadores. As relvas que a orla da sua túnica roçava reverdejavam num viço mais fresco. E Ulisses, indiferente aos prestígios da deusa, impaciente com a serenidade divina do seu andar harmonioso, meditava a jangada, almejando pelo bosque.

\*I 35

\*I 35

\*I 36

\*I 36

\*I 37 F 29

Denso e escuro o avistou enfim, povoado de carvalhos, de velhíssimas tecas, de pinheiros que ramalhavam no alto éter.

C 20

Da sua orla descia um areal a que nem concha, nem galho quebrado de coral, nem pálida flor de cardo marinho, desmanchava a doçura perfeita. E o mar refulgia com um brilho saffrico, na quietação da manhã branca e corada. Caminhando dos carvalhos às tecas, a deusa marcou ao atento Ulisses os troncos secos, robustecidos por sóis inumeráveis, que flutuariam, com ligeireza mais segura, sobre as águas traidoras. Depois, acariciando o ombro do herói como outra árvore robusta também votada às águas cruéis, recolheu à sua gruta, onde tomou a roca de ouro, e todo o dia fiou, e todo o dia cantou...

F 30  
\*I 38  
\*I 39  
\*I 40

C 21

Com alvoroçada e soberba alegria, Ulisses atirou o machado contra um vasto carvalho que gemeu. E em breve toda a ilha retumbava, no fragor da obra sobre-humana. As gaivotas, adormecidas no silêncio eterno daquelas ribas, bateram o voo em largos bandos, espantadas e gritando. As fluidas divindades dos ribeiros indolentes, estremecendo num fulgente arrepio, fugiam para entre os canaviais e as raízes dos amieiros. Nesse curto dia o valente Ulisses abateu vinte árvores, robles, pinheiros, tecas e choupos — e todas deitou, esquadrou e alinhou sobre a areia. O seu pescoço e arcado peito fumegavam de suor, quando recolheu pesadamente à gruta, para saciar a rude fome, e beber a cerveja gelada. E nunca ele parecera tão belo à deusa imortal, que, sobre o leito de peles preciosas, apenas os caminhos se cobriram de sombra, encontrou, incansada e pronta, a força daqueles braços que tinham abatido vinte troncos.

F 31  
\*I 41  
\*I 42  
F 32  
\*I 43  
F 33

S 2

Assim, durante três dias, trabalhou o herói.

Iq. 20

C 22

E, como arrebatada nessa actividade magnífica que abalava a ilha, a deusa ajudava Ulisses, conduzindo da gruta para a praia, nas suas mãos delicadas, as cordas e os pregos de bronze. As ninfas, por seu mandado, abandonando as tarefas suaves, teciam uma tela forte, para a vela que empurrariam com amor os ventos amáveis. E a intendenta venerável já enchia os odres de vinhos robustos, e preparava com generosidade os víveres numerosos para a travessia incerta. No entanto a jangada crescia, com os troncos bem ligados, e um banco erguido ao meio, donde se empinava o mastro, desbastado num pinheiro, mais redondo e liso que uma vara de marfim. Cada tarde a deusa, sentada numa rocha à sombra do bosque, contemplava o calafate admirável martelando furiosamente, e cantando, com rija alegria, um canto de remador. E ligeiras na ponta dos pés luzidios, por entre o arvoredor, as ninfas, escapando à tarefa, acudiam a espreitar, com desejosos olhos fulgurantes, aquela força solitária, que soberbamente, no areal solitário, ia erguendo uma nave.

\*Iq. 21  
\*I 44  
\*I 45

IV

S 3

Enfim no quarto dia, de manhã, Ulisses findou de esquadrar o leme, que reforçou com grades de amieiro para

\*Iq. 22  
F 34

melhor aparar o embate das ondas. Depois ajuntou um lastro copioso, com a terra da ilha imortal e as suas pedras polidas. Sem descanso, numa ânsia risonha, amarrrou à verga alta a vela cortada pelas ninfas. Sobre pesados rolos, manobrando a alavanca, rolou a jangada imensa até à espuma da vaga, num esforço sublime, com músculos tão retesos e veias tão inchadas, que ele mesmo parecia feito de troncos e cordas. Uma ponta da jangada arfou, levantada em cadência pela onda harmoniosa. E o herói, erguendo os braços lustrosos de suor, louvou os deuses imortais.

Então, como a obra findara e a tarde rebrilhava, propícia à partida, a generosa Calipso trouxe Ulisses, através das violetas e das anêmonas, à fresca gruta. Pelas suas divinas mãos o banhou numa concha de nácar, e o perfumou com essências sobrenaturais, e o vestiu com uma túnica formosa de lã bordada, e lançou sobre os seus ombros um manto impenetrável às neblinas do mar, e lhe estendeu sobre a mesa, para ele saciar a fome rude, as comidas mais sãs e mais finas da Terra. O herói aceitava os amorosos cuidados, com paciente magnanimidade. A deusa, de gestos serenos, sorria taciturnamente.\*

Depois ela tomou a mão cabeluda de Ulisses, palpando com gosto os calos que lhe deixara o machado; e pela borda do mar o conduziu à praia, onde a vaga mansamente lambia os troncos da jangada forte. Ambos descansaram sobre uma rocha musgosa. Nunca a ilha resplandecera com uma beleza tão serena, entre um mar tão azul, sob um céu tão macio. Nem a água fresca do Pindo bebida em marcha abrasada, nem o vinho dourado que produzem as colinas de Quios, eram mais doces de sorver do que aquele ar repassado de aromas, composto pelos deuses para o respirar de uma deusa. A frescura imorredoura das árvores entrava no coração, quase pedia a carícia dos dedos. Todos os rumores, o dos regatos na relva, o das ondas no areal, o das aves nas sombras frondosas, subiam, suave e finamente fundidos, como as harmonias sagradas de um templo distante. O esplendor e a graça das flores retinham os raios pasmados do Sol. Tantos eram os frutos nos vergéis, e as espigas nas messes, que a ilha parecia ceder, afundada no mar, sob o peso da sua abundância.

Então a deusa, ao lado do herói, levemente suspirou, e murmurou num sorriso alado:

— Oh, magnânimo Ulisses, tu certamente partes! O desejo te leva de rever a mortal Penélope, e o teu doce Telémaco, que deixaste no colo da ama quando a Europa correu contra a Ásia, e agora já sustenta na mão uma lança temida. Sempre de um amor antigo, com raízes fundas, brotará mais tarde uma flor, mesmo triste. Mas diz! Se em Itaca não te esperasse a esposa tecendo e destecendo a teia, e o filho ansioso que alonga os olhos incansados para o mar, deixarias tu, oh homem prudente, esta doçura, esta paz, esta abundância e beleza imortal?

O herói, ao lado da deusa, estendeu o braço poderoso, como na Assembleia dos Reis, diante dos muros de Tróia, quando plantava nas almas a verdade persuasiva:

F 35  
\* I 46 F 36

F 37

\* I 47

F 38  
F 39

F 40 F 41

F 42

F 43

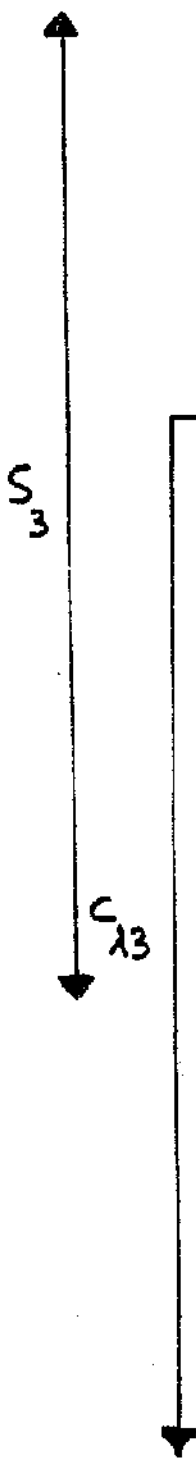
F 44

\* I 48

\* I 49

F 45

F 46



C 13

— Oh deusa, não te escandalizes! Mas ainda que não existisse, para me levar, nem filho, nem esposa, nem reino, eu afrontaria alegremente os mares e a ira dos deuses! Porque, na verdade, oh deusa muito ilustre, o meu coração saciado já não suporta esta paz, esta doçura e esta beleza imortal. Considera, oh deusa, que em oito anos nunca vi a folhagem destas árvores amarelecer e cair. Nunca este céu rutilante se carregou nem de nuvens escuras; nem tive o contentamento de estender, bem abrigado, as mãos ao doce iume, enquanto a borrasca grossa batesse nos montes. Todas essas flores que brilham nas hastes airoas são as mesmas, oh deusa, que admirei e respirei na primeira manhã que me mostraste estes prados perpétuos e há lírios que odeio, com um ódio amargo, pela impassibilidade da sua alvura eterna! Estas gaivotas repetem tão incessantemente, tão implacavelmente, o seu voo harmonioso e branco, que eu escondo delas a face, como outros a escondem das negras harpias! E quantas vezes me refugio no fundo da gruta, para não escutar o murmúrio sempre lânguido destes arroyos sempre transparentes! Considera, oh deusa, que na tua ilha nunca encontrei um charco; um tronco apodrecido; a carcaça de um bicho morto e coberto de moscas zumbidoras. Oh deusa, há oito anos, oito anos terríveis, estou privado de ver o trabalho, o esforço, a luta e o sofrimento... Oh deusa, não te escandalizes! Ando esfaimado por encontrar um corpo arquejando sob um fardo; dois bois fumegantes puxando um arado; homens que se injuriam na passagem de uma ponte; os braços suplicantes de uma mãe que chora; um coxo, sobre a sua muleta, mendigando à porta das vilas. Deusa, há oito anos que não olho para uma sepultura... Não posso mais com esta serenidade sublime! Toda a minha alma arde no desejo do que se deforma, e se suja, e se espedaça, e se corrompe... Oh deusa imortal, eu morro com saudades da morte!

\* I 50

\* I 50

\* I 50

\* I 50

\* I 51

\* I 23

\* I 51

\* I 24

\* I 25

F 47

F 48

Imóvel, com as mãos imóveis no regaço, enrodilhadas nas pontas do véu amarelo, a deusa escutara, com um sorriso serenamente divino, o furioso queixume do herói cativo... No entanto já pela colina as ninfas, servas da deusa, desciam, trazendo à cabeça, e amparando-os com o braço redondo, os jarros de vinho, os sacos de couro, que a intendenta venerável mandava para abastecer a jangada. Silenciosamente, o herói lançou uma tábua desde a areia até ao bordo de altos toros. E enquanto sobre ela as ninfas passavam, ligeiras, com as manilhas de ouro tilintando nos pés luzídios, Ulisses atento, contando os sacos e os odres, gozava no seu nobre coração a abundância generosa. Mas, amarrados com cordas às cavilhas aqueles fardos excelentes, todas as ninfas, lentamente, se sentaram sobre o areal em torno da deusa, para contemplarem a despedida, o embarque, as manobras do herói sobre o dorso das águas... Então uma cólera lampejou nos largos olhos de Ulisses. E, diante de Calipso, cruzando furiosamente os valentes braços:

\* I 52

— Oh deusa, pensas tu na verdade que nada falte para que eu largue a vela e navegue? Onde estão os ricos presentes que

S 3

C 14

C 15

C15

me deves? Oito anos, oito duros anos. fui o hóspede magnífico da tua ilha, da tua gruta, do teu leito. . Sempre os deuses imortais determinaram que aos hóspedes, no momento amigo da partida, se ofertem consideráveis presentes! Onde estão elas, oh deusa, essas riquezas abundantes que me deves por costume da Terra e lei do Céu?

A deusa sorriu, com sublime paciência. E em palavras aladas, que fugiam na aragem:

— Oh, Ulisses, tu és claramente o mais interesseiro dos homens! E também o mais desconfiado, pois que supões que uma deusa negaria os presentes devidos àquele que amou... Sossega, oh subtil herói... Os ricos presentes não tardam, jargos e rebrilhantes.

E, certamente, pela colina suave, outras ninfas desciam, ligeiras, com os véus a ondular, trazendo nos braços alfaias lustrosas, que ao sol rutilavam! O magnânimo Ulisses estendeu as mãos, os olhos devoradores... E enquanto elas passavam sobre a tábua rangente, o herói astuto contava, avaliava no seu nobre espírito os escabelos de marfim, os rolos de telas bordadas, os cântaros de bronze lavrado, os escudos cravejados de pedras...

Tão rico e belo era o vaso de ouro que a derradeira ninfa sustentava no ombro, que Ulisses deteve a ninfa, arrebatou o vaso, o sopesou, o mirou, e gritou, com soberbo riso estridente:

— Na verdade, este ouro é bom!

Depois de arrumadas e ligadas sob o largo banco as alfaias preciosas, o impaciente herói, arrebatando o machado, cortou a corda que prendia a jangada ao tronco de um roble, e saltou para o alto bordo que a espuma envolvia. Mas então recordou que nem beijara a generosa e ilustre Calipso! Rápido, arremessando o manto, pulou através da espuma, correu pela areia, e pousou um beijo sereno na fronte aureolada da deusa. Ela segurou de leve o seu ombro robusto:

— Quantos males te esperam, oh desgraçado! Antes ficasses, para toda a imortalidade, na minha ilha perfeita, entre os meus braços perfeitos...

Ulisses recuou, com um brado magnífico:

— Oh deusa, o irreparável e supremo mal está na tua perfeição! \*

E, através da vaga, fugiu, trepou sófregamente à jangada, soitou a vela, fendeu o mar, partiu para os trabalhos, para as tormentas, para as misérias — para a delícia das coisas imperfeitas! \*

F49

F50  
F51

F52 F53  
F54 F55 F56

\*I53 F57  
F58

F59 F60  
F61

F62

\*I. 26  
F63 F64 \*I54  
F65 F66 F67

\*I. 27

S3



## CONCLUSÕES

Constatámos, através da decomposição estrutural do texto, que as funções cardinais ou núcleos, que concentram em si os tempos verbais que incutem nova dinâmica no desenrolar da intriga, ainda se podem agrupar em três sequências que condensam as grandes linhas da estrutura narrativa e que podemos denominar de: a mensagem F1 - F<sub>20</sub> ; a preparação da partida F<sub>21</sub> - F<sub>33</sub> e a partida F<sub>34</sub> - F<sub>67</sub>

No que se refere às catálises, é de notar que a sua distribuição relativamente às funções cardinais é diferente consoante a sequência em que estão inseridas: enquanto que na primeira há uma relação de  $\frac{20}{6}$ , na segunda a percentagem é relativamente superior:  $\frac{13}{6}$ , pouco menos de metade dos núcleos, enquanto que a terceira mostra uma predominância quase exclusiva de funções cardinais  $\frac{33}{3}$

Todavia, o acesso ao significado global da história só se obtém ultrapassando o nível meramente sintagmático e situando-nos nas catálises, indícios e informantes que remetem continuamente para o conteúdo semântico do texto.

Na primeira sequência, onde predominam, como já vimos, as funções cardinais, pois que o impõe a dinâmica de desenvolvimento da acção que esta sequência representa, os indícios adaptam-se perfeitamente ao conteúdo da mensagem, a qual confirma e justifica as referências ao estado de espírito de Calíпсо: "A divina Calípson mordeu levemente o beijo; e sobre a sua face luminosa desceu a sombra das densas pestanas cor-de-jacinto"<sup>13</sup>, "Calípson, pensativa... caminhou para a orla do mar"<sup>14</sup>. O mesmo se passa com as referências à disposição de Ulisses antes e depois de ser conhecedor da nova de Mercúrio "... com a barba enterrada entre as mãos ..." <sup>15</sup> " ... saltou da rocha musgosa " <sup>16</sup>; "O valente

Ulisses respirou largamente. E arregaçando logo as mangas da túnica, esfregando as palmas das mãos robustas" 17.

Na segunda sequência, na qual a maior disparidade relativa de núcleos e catálises é explicável pelo facto de que constitui, em relação à última, um tempo de retardamento, de germinação da acção que culminará na partida, os indícios remetem de novo ao sentimento oposto que a partida despertava nos dois protagonistas e à faina da construção da jangada: "Em silêncio ela caminhou por um atalho...<sup>18</sup>; ... os troncos que flutuavam ... sobre as águas traidoras"<sup>19</sup>; ... como outra árvore robusta também votada às águas cruéis ..."<sup>20</sup>. "E Ulisses, indiferente aos prestígios da deusa,<sup>21</sup> impaciente<sup>22</sup> com a serenidade divina do seu andar harmonioso ... almejava pelo bosque"<sup>23</sup>. O seu pescoço e arcado peito fungavam de suor"<sup>24</sup>. "As gaivotas... bateram voo ..."<sup>25</sup> e "as fluidas divindades... fugiam para entre os canivais ..."<sup>26</sup> são também indícios de que algo tinha mudado na serena quietação sobrenatural da ilha, facto que remete de novo à sequência da preparação. A alusão às altas e radiosas açúenas, ao aroma que subia das flores abertas, às relvas que reverdejavam num viço mais fresco, às pombas que esvoaçavam em torno da deusa num tumulto amoroso, ao mar que refulgia com um brilho safírico na quietação da manhã, detêm, no interior da sua potência expressiva, toda uma carga significativa que remete para uma paragem na acção, implicada, como já vimos, na sequência da preparação. Finalmente as referências à disposição do espírito antagónica dos dois protagonistas reenviam claramente à sequência da partida, na qual se justifica plenamente a elevada disparidade relativa entre os núcleos e catálises, justamente por se tratar de uma acção cujos momentos nucleares se encadeiam num ritmo acelerado: "... numa ânsia risonha, num esforço sublime, com músculos tão retesos e velas tão inchadas que ele mesmo parecia feito de troncos e cordas"<sup>27</sup>, ... erguendo os braços lustrosos de suor ...

o herói aceitava os cuidados com paciência e magnanimidade" <sup>28</sup>, a deusa... sorria taciturnamente" <sup>29</sup>, " ... trepou sofregamente à jangada " <sup>30</sup>.

A análise dos indícios permite-nos, assim, concluir, que eles concordam com o conteúdo da sequência na qual estão inseridos. Todavia, a sua interpretação plena ultrapassa este nível meramente superficial de análise para se projectar numa finalidade de esclarecimento total da intriga; até I<sub>5</sub> evocam uma determinada disposição de espírito e uma situação, justificativa, ve-lo-emos mais adiante, dessa disposição particular; o I<sub>6</sub> evoca uma atmosfera de perenidade, de realização plena e abundância; o I<sub>7</sub> volta a evocar determinado estado de espírito justificado pelo seguimento da catálise. São indícios da mesma disposição os I<sub>15</sub>, I<sub>16</sub> e I<sub>17</sub>.

A maior parte destes indícios colocam-nos, como se vê, perante a problemática centrada na narrativa que é a imortalidade da deusa que contamina a grandeza, sublimidade, impassibilidade da natureza que a rodeia e nos é indiciada através da utilização de epítetos pictóricos e adjectivação expressiva e a situação psicológica contrastiva, de depressão, de Ulisses, que funciona como elemento que destoa do ambiente total de beatitude divina.

Quanto aos informantes assinalados ao longo da catálise, estão inseridos num tempo diegético que nos é oferecido de forma cronologicamente descorexa, através de um processo de analepse que permite ao autor fazer reviver ao herói dez anos de uma existência rica em experiências. Ao ultrapassarem, assim, um tempo objectivo limitado, lançam o leitor no caos emocional de um tempo psicológico que contribui para esclarecer o sentimento profundo da situação presente. Levam-nos, assim, a concluir, que o que norteia Ulisses é a ânsia de glória adquirida nas lides guerreiras e o que o desespera é a inactividade forçada a que está sujeito. É através deles que se compreendem cabalmente os indícios constituídos pelas referências ao estado de espírito, que, por sua vez, referenciam e permitem compreender as

relações instituídas entre eles e as componentes indiciais constituídas pelas indicações referentes ao modo como está vestido <sup>31</sup>. A partir deste momento, está também desvendado o sentido pleno do informante: ilha mole <sup>32</sup>.

Como constatamos através do que foi dito, a primeira catálise funciona como elemento propedêutico, semelhante ao prólogo de uma tragédia. Nele se recorta o vulto do herói e as linhas de força da intriga, ou seja, as causas que a estruturam e condicionam. Colocamos, assim, perante a problemática central da narrativa.

Todavia, a exploração semântica do texto ainda não está completa: a saturação total dos indícios só se conseguirá num nível ainda superior, através da exploração indicial da  $C_7$  e  $C_{13}$ , as quais devendam o sentido imanente do texto e permitem uma clarificação dos indícios que estão disseminados ao longo do texto, exigindo, deste modo, uma reinterpretação e uma nova leitura do conteúdo da narrativa: a demasiada humanidade de Ulisses e os limites que a sua condição humana lhe impõe instauram entre ele e a imutabilidade divina que o rodeia um fosso impossível de transpôr. Ulisses aspira à caducidade e transitoriedade das coisas materiais. É para esse sentido que nos remetem os  $I_{30}$  que representam a efemeridade da vida terrena e os  $I_{31}$  que lhes opõem a perfeição dos deuses. E este facto encontra-se confirmado por novos informantes que actualizam a nossa compreensão da semântica profunda do texto " ... e assim trazes inutilizadas todas as virtudes do meu coração, pois que a tua divindade não permite que eu te congratule, te console, te sossegue ou mesmo te esfregue o corpo dorido com o suco das ervas benéficas. Considera ainda que a tua inteligência de deusa possui todo o saber, atinge sempre a verdade <sup>33</sup>. Oh deusa, tu és aquele ser terrífico que tem sempre razão <sup>34</sup>. Oh deusa, tu és impecável " <sup>35</sup>. E é através deste novo enriquecimento do conteúdo narrativo do texto que temos de interpretar o  $I_{36}$ : " Ulisses, indiferente aos prestígios da deusa, impaciente com a serenidade divina do seu an

dar harmonioso ... " que contrasta com a submissão de homenagem que a natureza testemunha para com Calípo.

A C<sub>13</sub> completa o sentido da anterior através da oposição entre os componentes indiciais 50 e 51, corroborados por um informante eivado de ironia trágica: "Oh deusa imortal, eu morro com saudades da morte"<sup>36</sup> que denuncia, na pujança de uma síntese vigorosa, a ânsia de imortalidade que o arrebatava. O sentido profundo do texto é condensado pelo informante final que resume a problemática do conto e nos fornece a chave semântica da narrativa: "Oh deusa, o irreparável e supremo mal está na tua perfeição!"<sup>37</sup>

O narrador termina, à guisa de conclusão e adoptando, na sua focalização, a perspectiva onisciente e impessoal, a que, aliás, nos habituou ao longo da narrativa, com uma exclamação final: "partiu para os trabalhos, para as tormentas, para as misérias - para a delícia das coisas imperfeitas" que é a sùmula do desfecho inevitável da intriga. Como vemos, é nas catálises, indícios e informantes, que só se saturam a um nível superior e nos quais podemos e devemos considerar vários estádios de exploração crítica, que se concentram as verdadeiras chaves semânticas que nos permitem a compreensão da estrutura particular que informa o texto. Deduzimos, pois, através da decodificação do conto em questão, que não há uma forma e um conteúdo que se oponham, mas é forçoso considerar que há um conteúdo e uma expressão que têm uma determinada forma e que por ela e através dela se condicionam e determinam reciprocamente.

A mensagem do texto ultrapassa de longe o círculo restrito do episódio particular a que está circunscrito, para se projectar no cerne de toda uma problemática que coloca o primado da existência, com tudo o que comporta de efêmero e corruptível, face à plácida eternidade de um paraíso regido por normas imutáveis e divinas. Mas esta opção tem o seu preço. Por mais paradoxal que pareça, o prazer da fruição das coisas imperfeitas

é simultaneamente a causa e o efeito do limite imposto à capacidade humana de atingir o eterno .

#### MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE

- 
- 13) - Cf.  $I_{19}$
- 14) - Cf.  $I_{20}$
- 15) - Cf.  $I_1$
- 16) - Cf.  $I_{26}$
- 17) - Cf.  $I_{24}$  e  $I_{28}$
- 18) - Cf.  $I_{34}$
- 19) - Cf.  $I_{38}$
- 20) - Cf.  $I_{39}$
- 21) - Cf.  $I_{36}$
- 22) - Cf.  $I_{36}$
- 23) - Cf.  $I_{37}$
- 24) - Cf.  $I_{43}$
- 25) - Cf.  $I_{41}$
- 26) - Cf.  $I_{42}$
- 27) - Cf.  $I_{46}$
- 28) - Cf.  $I_{47}$  e  $I_{48}$
- 29) - Cf.  $I_{49}$
- 30) - Cf.  $F_{64}$
- 31) -  $I_2$ ,  $I_4$  e  $I_5$
- 32) - Cf.  $I_{f10}$
- 33) - Cf.  $I_{f14}$  e  $I_{f15}$
- 34) - Cf.  $I_{f16}$
- 35) - Cf.  $I_{f17}$
- 36) - Cf.  $I_{f24}$
- 37) - Cf.  $I_{f27}$